



Escrita e Leitura na Era Digital ou Como a Literatura Chegou à Internet¹

Renato Medeiros CORDEIRO²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O texto a seguir refletiu sobre as transformações advindas das tecnologias digitais. De início, a história da escrita foi revisitada, assim como a de seus suportes. Em seguida, as transformações vividas pelos formatos técnicos da escrita e pela leitura fazem a ideia de livro ser repensada enquanto dispositivo. Por fim, o trabalho propõe dois modos pelos quais as manifestações poético-literárias teriam chegado à internet. O primeiro deles diz respeito à transposição de obras pensadas originalmente para serem veiculadas em papel e o segundo se detém à produção textual na própria internet.

PALAVRAS-CHAVE: internet; tecnologias digitais; escrita; livro; literatura.

A Escrita e o Nascimento da Consciência Histórica

Partindo da premissa de que a arte é uma necessidade vital do ser humano, assim como a alimentação e a sexualidade, é possível dizer que manifestações dessa natureza acompanham a humanidade desde tempos remotos. Entretanto, talvez não se trate da arte tal qual se concebe em tempos contemporâneos, mas sim da necessidade de expressão, presente em ritos, celebrações místicas, danças, cantos, pinturas rupestres, entre outras práticas envolvendo a imaginação e a criatividade.

Necessidade de expressão que só mais tarde ganharia os contornos do que se conhece hoje em dia como arte, religião, filosofia, retórica e demais segmentos formadores da cultura. Necessidade de expressão diretamente ligada à comunicação e, logo, ao desenvolvimento da linguagem, possível apenas quando o ser humano desenvolveu a capacidade de abstração (MARTINS, 2002).

É na linguagem que, conforme Wilson Martins, se encontra a fonte do desenvolvimento espiritual. “Não é a vida do espírito que originou a abstração; é a

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos das Mídias da UFRN, email: re_nato88@hotmail.com.



abstração que originou a vida do espírito” (MARTINS, 2002, p. 17) e foi essa capacidade que permitiu o florescimento da linguagem. Martins (2002), apoiado por Vendryès, acrescenta que o contato entre os seres humanos se difere do contato entre os outros animais porque os primeiros passaram a atribuir valores simbólicos aos sinais. A linguagem seria então, na concepção de Vendryès, um sistema de sinais.

Ainda levando em consideração esse período que os historiadores chamam de pré-história, Norval Baitello Júnior pensa o corpo humano enquanto uma mídia primária, “produtor de linguagens, gestos, sons, movimentos, cheiros, feições, posturas” (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 106). Já Martins (2002) vai dizer que os gestos — que para o autor corresponderiam atualmente à linguagem dos surdos-mudos —, assim como a mímica, os códigos de sinais marinhos e terrestres, os desenhos e a escrita são alguns dos inúmeros sistemas de linguagem visual.

Não seria exagero colocar no mesmo patamar de importância a invenção da escrita, da roda e até mesmo a descoberta de como manipular o fogo, devido às transformações significativas que a escrita foi capaz de realizar. Com ela, o ser humano ganhou um meio duradouro para se expressar e registrar memórias. Nascia assim a consciência histórica e a própria história da humanidade. (FLUSSER, 2007).

Baitello Júnior (2010) entende a escrita dos pés, ou melhor, das pegadas deixadas por eles, como sendo a primeira escrita, “muito antes que as mãos aprendessem a desenhar sinais para marcar caminhos”. Mas reconhece que a escrita com as mãos transformou definitivamente o destino do ser que ele chamou de pós-macaco. Já Martins (2002) concede à mão uma distinção que precede a escrita. Para o autor, foi a linguagem que permitiu a invenção da mão, responsável por tocar, manipular, sentir os objetos, que pouco a pouco foram sendo nomeados. A mesma mão que posteriormente produziu manuscritos, operou a prensa, digitou em teclados de microcomputadores e que agora se acostuma às telas sensíveis ao toque.

De início o homem primitivo buscava representar objetos concretos, descrevendo seu cotidiano em pinturas e desenhos, era o tempo da pictografia, precursora da escrita. Aos poucos, essas imagens passaram a exprimir ideias, a partir do momento em que se tornaram sinais. Ferdinand de Saussure (apud. MARTINS, 2002, p. 41) dividiu a escrita em dois sistemas, o ideográfico, em que a palavra “é representada por um sinal único e estranho aos sons de que ela se compõe, caso do chinês, dos caracteres cuneiformes e dos hieróglifos; e o fonético, “que visa reproduzir a sucessão de sons de uma palavra”, e assim a escrita torna-se também uma linguagem sonora.



A sílaba, enquanto unidade menor da palavra, possui sons que obedecem a uma sucessão, que nada mais é do que o princípio da linearidade da escrita. Surge então a ideia de que certos acontecimentos se dão primeiro, em detrimento de outros que vão sendo deixados para trás, a partir do momento em que se avança nessa trajetória. A escrita reinventava assim o tempo. Se antes a pictografia se limitava a descrever o cotidiano, com a escrita foi possível narrá-lo.

No pensamento de Flusser (2007), a escrita surgiu quando o ser humano passou a alinhar as imagens, tirando-as do estado de descrição, que o autor chamou de cena, para ordená-las, contá-las. A cena transformou-se em narrativa, na medida em que seu desenrolar enumerou clara e distintamente cada símbolo isolado. Assim, o homem passou a contar histórias, que sempre estiveram envolvidas em subjetividades. O germen da literatura mora nessa capacidade subjetiva de criar histórias. Com isso, não seria arriscado afirmar que a poesia e a literatura (e a arte como um todo) estiveram sempre ali, desenvolvendo-se juntamente à linguagem, à comunicação e à própria escrita, experimentando um novo suporte a cada era.

O ser humano já utilizou como matéria prima para a escrita elementos dos reinos mineral, vegetal e animal (MARTINS, 2002). A pedra, a argila e metais como o bronze, o chumbo, o ouro e a prata, a seu tempo, já tiveram destaque; o mesmo ocorreu com as tabuletas de madeira, revestidas ou não com uma leve camada de cera, e com o papiro, “sem dúvida, o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita” (MARTINS, 2002, p. 61).

As plantas que deram origem aos rolos de papiro floresciam às margens do rio Nilo, no Antigo Egito. As folhas feitas de papiro eram coladas lado a lado formando faixas que chegavam a medir mais de quinze metros de comprimento e em seguida enroladas em torno de um bastonete, dando origem ao *volumen* (MARTINS, 2002). Porém, a escassez natural do papiro tornou-o raro e caro, obrigando a procura por novos materiais. Foi quando houve a ascensão do pergaminho, feito da pele curtida de animais como o carneiro.

De início, o pergaminho era escrito apenas de um lado e enrolado, assim como o papiro³, mas depois se descobriu ser possível escrever em ambos os lados. “A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao *codex*, o antepassado imediato do livro” (MARTINS, 2002, p. 68).

³ O historiador Roger Chartier cita a existência de códices feitos de papiro: “(...) desde o século II, todos os manuscritos da Bíblia encontrados são códices escritos em papiro” (1994, p. 190).



Repensando a Ideia de Livro

Com o desenvolvimento das tecnologias digitais a palavra revolução tornou-se comum nas reflexões dos pesquisadores. Dentre tantas outras anunciadas, destacam-se aqui as revoluções da leitura e das formas e suportes que transmitem o escrito (CHARTIER, 1994). Muito também se falou sobre a extinção do livro, consolidado ao longo dos séculos como o principal meio de registro do pensamento, considerado um símbolo de libertação do ser humano. Contudo, a própria história é capaz de evidenciar outras revoluções pelas quais a leitura, a escrita e o livro em si já passaram.

Há quem diga que o nascimento do livro se deu na segunda metade do século XV, quando Gutenberg desenvolveu a prensa, promovendo assim uma revolução técnica: “a cópia manuscrita deixa de ser o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação dos textos” (CHARTIER, 1994, p. 186). Entretanto, Roger Chartier (1994) chama a atenção para o fato de que o livro impresso, tal qual ainda se concebe hoje, possuía o mesmo formato do códice (como também é chamado o *codex*), estabelecido doze ou treze séculos antes.

A ideia de livro que ainda é predominante na contemporaneidade foi amplamente difundida pelo cristianismo, que elegera o códice como formato padrão para as escrituras sagradas, como escreve Arlindo Machado:

O códice foi um formato característico de manuscrito em que o pergaminho era retalhado em folhas soltas, reunidas por sua vez em cadernos costurados ou colados em um dos lados e muito comumente encapados com algum material mais duro. A partir do século IV, os cristãos elegeram esse formato como padrão para as escrituras sagradas, de modo a diferenciá-las da literatura pagã, em geral escrita em rolos de pergaminhos (MACHADO, 1994, p. 204).

Chartier (1994) destaca essa transição do *volumen* para o códice como o único precedente, no mundo ocidental, da atual revolução digital. A adoção do códice representou uma diminuição no custo de produção de livros. O pergaminho era mais resistente que o papiro, permitindo ainda ser reutilizado, já que os textos podiam ser apagados por meio de raspagem. Quando a escrita passou a se servir dos dois lados da folha, criando assim a noção de página, o códice pode reunir maiores quantidades de texto.



Esse também foi um período de revolução da leitura. Para ser lido, o *volumen* era segurado com as duas mãos e desenrolado na horizontal, fazendo aparecer trechos distribuídos em colunas (CHARTIER, 1994, 1999). Essa característica não permitia que o leitor fizesse anotações, já que possuía ambas as mãos ocupadas. Daí a importância da leitura em voz alta e da figura do escriba, responsável por escrever as considerações ditadas pelo leitor.

O códice promoveu a fragmentação dos textos e da própria leitura. Com ele nasce a paginação enumerada, os índices, os capítulos e demais subdivisões dos documentos escritos, herdadas pela contemporaneidade. Essa fragmentação agilizou a identificação e localização dos textos. Ela também já não exigia uma total mobilização do corpo, proporcionando assim mais independência ao leitor que agora, com as mãos desocupadas e podendo localizar com mais facilidade cada parte do texto, podia ler e escrever ao mesmo tempo, passando, “ao seu bel prazer, de uma página a outra, de um livro a outro” (CHARTIER, 1994, p. 191).

Como fica demonstrado, talvez não fosse um equívoco considerar a transição do *volumen* para o códice⁴ como o momento em que o livro nasceu. Entretanto, ao pensar o livro enquanto dispositivo, Machado (1994) sugere outra definição, baseada em perspectivas que vão além do impresso ou do formato do códice:

(...) o livro impresso adotou para si o formato do códice e esse modelo plantou raízes tão fundas em nossa cultura que hoje se torna difícil pensar o livro como algo diferente. Mas ele pode ser diferente, como já foi em outros tempos e volta a sê-lo agora. Podemos definir o *livro* numa acepção mais ampla, como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação (MACHADO, 1994, p. 204).

Concordando com Machado, o livro teria surgido então antes mesmo do *volumen* e mais, a partir dessa concepção, o autor questiona se não seria possível dizer que filmes, discos ou programas de televisão também são livros da contemporaneidade. Talvez o que esteja fadado a desaparecer, ou se transformar, seja o conceito de livro cunhado desde a prensa de Gutenberg, mas não o livro enquanto dispositivo (MACHADO, 1994). Com isso, fica mais fácil pensar o livro eletrônico ou digital, que

⁴ Transição que se deu ao longo de séculos, de maneira gradual.



surge nessa atual revolução da leitura e das técnicas de produção e transmissão da escrita.

Em Maurice Mouillaud (2002), é o dispositivo que prepara para o sentido, que não estaria apenas na língua, mas também no formato que envolve o que é dito ou escrito. Se a escrita enfrenta mudanças estruturais, então muda também a produção de sentido por parte de, pelo menos, escritores e leitores. Sobre a escrita mediada por computador Mouillaud acrescenta:

Eu escrevo, ou melhor, eu afluoro os botões de um teclado. Para começar, o teclado não é a mão. Ela a arma com uma prótese que separa as letras, lá onde a mão desliza, não mobilizo apenas o dispositivo alfabético, mas a colocação no espaço. (...) Eu escrevo, e é a totalidade do dispositivo da língua escrita que e posta em movimento (MOUILLAUD, 2002, p. 30).

No ambiente digital, a mão já não desenha as palavras. Ela aciona botões que criarão uma representação textual eletrônica, acessível para a leitura nas mais diversas telas. Já não se trata da letra A, mas da combinação de números binários que formam a letra A. Se antes os textos adequavam-se às dimensões da página de papel, agora a limitação física do ecrã já não impõe limites ao texto, que flutua em disposições espaciais instáveis. Trata-se de uma representação imaterial e sem lugar próprio (CHARTIER, 1994).

De certa maneira, a leitura em tela se assemelha à do *volumen*, já que a ação de desenrolar se repete quando se arrasta a barra de rolagem (*scrollbar*) para que as partes do texto tornem-se visíveis. De qualquer forma, o que se desdobra é a representação digital do texto e não o suporte em si. As telas de computadores, celulares, *smartphones*, *tablets* e tantos outros aparelhos digitais que inundam o século XXI não são enroláveis como o *volumen* e nem dobráveis como o códice ou o livro impresso. Embora as telas também só permitam a visualização de uma parte do documento por vez, um texto digital pode ter a extensão que seu autor desejar, sem a necessidade de nenhuma fragmentação. Por exemplo, o clássico romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, da britânica Emily Brontë, poderia ser um texto contínuo disponibilizado em uma única *homepage*. O leitor não precisaria mais virar páginas, apenas arrastar a *scrollbar*.

Todas essas transformações inauguram um terreno criativo substancialmente fértil para a literatura. Lucia Santaella afirma que “os meios de nosso tempo (...) estão



nas tecnologias digitais (...), abrindo ao artista horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade” (2008, p. 36). E nenhum meio digital é mais significativo para a contemporaneidade do que a internet. A literatura sempre foi um dos pilares da escrita e claro que comungaria da atual revolução das tecnologias digitais.

A seguir, são propostos dois modos pelos quais as manifestações-poéticas literárias se fizeram presentes na internet e que correspondem a obras que ainda podem fazer o caminho inverso, ou seja, podem retornar ao formato impresso. O trabalho deixa de fora os experimentos que apenas se realizam em meio digital, como aqueles baseados em hipertexto e hipermídia.

É válido acrescentar que a lógica da explanação não corresponde a uma sequência cronológica dos acontecimentos. Os dois modos ocorriam simultaneamente e ainda são verificáveis na atualidade.

Modo 1: Transposição de Conteúdo Externo

Documentos que foram originalmente pensados para serem veiculados em papel puderam ser digitalizados a partir de processos simples, como a digitação e a utilização de máquinas *scanners*.

A digitação consiste simplesmente no ato de reescrever um documento impresso em um processador de textos, como o programa Word, da Microsoft. Ao se pensar na digitalização de um romance, por exemplo, por meio da digitação, é inevitável a lembrança dos monges copistas da Idade Média, figuras responsáveis por reproduzir códices à mão. Naquela época, o acesso à educação se restringia basicamente ao clero, portanto, eram poucos aqueles que sabiam ler e escrever. O papel dos copistas foi importante por resgatar textos que talvez estivessem perdidos hoje.

Ao analisar a ação dos digitadores contemporâneos, é sugere-se que eles, assim como os monges copistas, têm a intenção de perpetuar os textos. Quando o copista da atualidade digitaliza um livro, ele está transportando essa obra para o ciberespaço e, embora já se saiba que suportes como o CD, o DVD ou o pen drive podem não ser tão duráveis, o fato da obra se encontrar digitalizada permite maior potencialidade de reprodução e veiculação.

A representação digital dos textos não sofre com variações climáticas, poeira, mofo, traças e outros desgastes que costumam danificar os livros impressos, embora



sofram de outros males próprios do território digital, como a ação de vírus. Mas um arquivo de texto digital é um documento leve⁵, que pode ser facilmente copiado diversas vezes, transmitido por um simples e-mail em questão de segundos, ou transportado por um minúsculo pen drive.

Uma maneira mais simples e rápida de transpor um livro impresso para o computador é por meio do *scanner*, aparelho que transforma documentos manuscritos ou tipografados em imagens digitais. Da mesma forma, a câmera fotográfica digital⁶ também pode ser usada para esse fim. Reproduzir um livro inteiro por meio do *scanner* ou da câmera digital significa que dezenas de arquivos de imagem serão criadas, o que poderia atrapalhar a organização ou a leitura, por exemplo. Como se trata de um conjunto de fotografias digitais, o texto continua limitado às dimensões das páginas do livro impresso, subordinado aos moldes de seu suporte original.

Essa limitação se repete em simuladores digitais de livros, revistas, jornais e outros documentos impressos, criados para tornar a leitura em meio digital mais reconhecível e convidativa aos usuários que não têm imediata empatia com a linguagem da informática. Na web, não é difícil encontrar sites com esses simuladores, que apenas reproduzem uma limitação que não existe na internet. Portanto, não faz sentido restringir o conteúdo veiculado na rede a um espaço de representação de página de papel.

O ambiente digital oferece recursos ainda insuficientemente explorados, então não há motivos para ater-se a formatos midiáticos tradicionais. Experimentar esses recursos é também contribuir para uma ampliação da noção de leitura.

A digitalização de livros logo ganhou nome próprio e se transformou em negócio lucrativo. Assim, surgiu o conceito de e-book (*eletronic book* ou livro eletrônico), apontado como a evolução do livro impresso. Nascido na segunda metade do século XX, o e-book representou a sistematização da digitalização por parte de empresas que passaram a comercializá-lo. Entre as vantagens de se comprar um e-book, está o preço reduzido, devido aos baixos custos de produção.

Surgiram também os aparelhos portáteis que permitem a leitura de e-books em qualquer lugar. Com capacidade para armazenar na memória uma expressiva quantidade de textos, esses aparelhos suportam os mais diversos formatos, como o famoso PDF

⁵ Quando formado apenas por textos verbais, não costuma ultrapassar a casa dos megabytes, uma das unidades de medida da informática.

⁶ Mesmo que esteja integrada a outro aparelho, como o celular, o *smartphone* ou o notebook.



(*Portable Document Format* ou Formato de Documento Portável), desenvolvido pela Adobe Systems.

Os e-books também trouxeram outra novidade: alguns livros passaram a ser lançados exclusivamente em formato eletrônico, como é o caso do romance *Riding the Bullet*, do best seller Stephen King. Sendo assim, o meio digital ainda “virtualizava” o real, mas também começava a produzir e transmitir o seu próprio conteúdo.

Entretanto, nem toda literatura produzida exclusivamente para a rede mundial de computadores entrou no circuito comercial dos e-books. A maior parte dos textos inéditos surgidos na web encontrou outros espaços virtuais para veiculação, como os sites e páginas pessoais.

Modo 2: Produção de Conteúdo Exclusivo

As possibilidades técnicas surgidas com o advento da informática permitiram que uma nova era da produção cultural fosse desenhada, quando os usuários puderam se transformar em autores, editores e divulgadores de si mesmos. Como argumenta Chartier (1999, p. 17), “(...) os papéis do autor, do leitor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas às outras”. A internet se tornou um celeiro de novos escritores, que aos poucos ganharam leitores cativos e deixaram o anonimato para trás, mesmo sem a ajuda e o reconhecimento de jornais, revistas e demais mídias tradicionais.

Foi o caso de escritores como Daniel Galera, Daniel Pellizzari e Clarah Averbuck, que foram colaboradores do extinto fanzine digital *CardosOnline*⁷ e atualmente possuem livros publicados por editoras consagradas.

Sites como o *Recanto das Letras*⁸, especializados na publicação (ou postagem, na linguagem da web) de poemas e textos literários de natureza ficcional, formaram uma verdadeira comunidade literária virtual. Já na página inicial é possível ver o número de contos, poemas, artigos e outros gêneros textuais disponíveis para leitura. Qualquer usuário pode criar sua conta gratuitamente, publicar textos e entrar em contato com outros colaboradores.

⁷ O *CardosOnline* foi um *mailzine* que era enviado por e-mail duas vezes por semana. Surgido em 1998, contava apenas com textos verbais, sem imagens e sem formatação.

⁸ <http://recantodasletras.uol.com.br/>



Esses sítios aglutinam uma grande quantidade de participantes, pois apresenta a literatura como objeto tangível e não mais como uma entidade reservada aos iniciados no beletismo. A área que o cânone impõe à literatura dá lugar à possibilidade do leitor se transformar em poeta, que por sua vez, será lido por outros leitores.

Porém, foi com a popularização dos blogs que a literatura independente ganhou fôlego definitivo na rede.

O weblog ou blog é uma página da internet em que as pessoas publicam suas ideias, suas reflexões, que podem ser pertinentes a seu trabalho, de origem corporativa, ou, ainda, funcionar como se fosse um diário. Cada anotação aparece acompanhada da data em que foi escrita, em ordem cronológica reversa.

As origens do blog são polêmicas, existem pelo menos quatro hipóteses controversas: teriam surgido em 1991 nas mãos de Tim Berners Lee, que criou o primeiro weblog, em forma de site; por outro lado, Dave Winer é hoje considerado o pai dos blogs, por ter lançado o seu primeiro weblog em 1996 como parte do website “24 hours of Democracy”; atribui-se a criação, ainda, a Jorn Barger, que em 1997, tratou como blog a página que mantinha reunindo as notícias em circulação que considerava mais significativas, funcionando, portanto, inicialmente como um filtro de notícias; uma quarta possibilidade e também a hipótese mais aceita é a de que foi uma criação da “Pyra Labs” e data de 1999, momento em que esta empresa criou a interface que tornou amigáveis os blogs (FRANÇA, 2008, p. 50).

A empresa Pyra Labs, hoje pertencente ao Google, foi a criadora do *Blogger*, que ainda é o principal e mais utilizado site de criação, edição e gerenciamento de blogs. O *Blogger* é prático e acessível a usuários que não têm conhecimentos da linguagem HTML⁹. Seu surgimento fez com que os blogs se tornassem moda, principalmente entre os adolescentes, que os usavam como diários pessoais. Passada essa primeira fase, os blogs tornaram-se local para qualquer assunto, inclusive para a literatura.

Na primeira década do século XXI, muitos foram os escritores e poetas surgidos em blogs e que ajudaram a renovar a cena literária mundial. A chamada blogosfera ficou repleta de novos contos, romances, poemas, crônicas e também de *fakes*, personagens ficcionais que atuam na contemporaneidade como os pseudônimos do passado.

Entretanto, a literatura que surge e permanece em blogs ainda não é reconhecida pela maioria dos leitores e muito menos pelas instituições, agremiações e demais

⁹ Sigla para *HyperText Markup Language* ou Linguagem de Marcação de Hipertexto. É uma linguagem utilizada para a construção de páginas virtuais na web.



sociedades literárias existentes. A obra desses poetas e ficcionistas que ganham visibilidade na internet só é reconhecida com a publicação de livros impressos, mesmo que esses livros apenas reproduzam textos disponíveis nos blogs.

É curioso perceber que os talentos literários surgidos na internet estão percorrendo o caminho inverso da transposição em questão. Ao invés de partirem do papel para o meio digital, eles migram da web para o papel. Ou seja, a produção nascida na web passou a ser também reproduzida na mais tradicional mídia impressa.

A estreia de um novo escritor ainda só acontece quando ele publica seu primeiro livro impresso, mesmo que tenha passado anos postando material ficcional inédito na web, de forma independente e alternativa.

É o caso dos jovens Tázio Zambí e Brisa Paim, que lançaram seus primeiros livros em 2009, depois de anos atuando em blogs¹⁰. Hoje eles são apontados como expoentes da nova geração literária em Alagoas.

Fato semelhante ocorreu durante as décadas de 1970 e 1980, quando os poetas marginais publicavam seus escritos em meios alternativos, como a cópia mimeografada. Após se destacarem no cenário literário brasileiro, passaram a ser convidados a publicar por editoras comerciais. Foi o que aconteceu com o poeta Chacal, que em 1983 publicou a coletânea *Drops de Abril*, pela editora Brasiliense.

Isso faz pensar que as manifestações literárias periféricas só são oficialmente aceitas a partir do momento em que passam pelo crivo das instâncias do poder cultural, que geralmente só dão o título de literário para aquelas iniciativas que podem se tornar livros impressos.

A digitalização de livros impressos, o lançamento de e-books inéditos, o desenvolvimento de sites de postagens de textos ficcionais e a popularização dos blogs são apenas algumas formas que permitiram que a literatura se fizesse presente na internet. Porém, as obras veiculadas nesses formatos ainda são transponíveis para mídias tradicionais. Por exemplo, qualquer texto postado em um site ou blog pode ser facilmente impresso por meio de uma simples impressora.

A internet tem recursos suficientes para promover a diversidade cultural e ampliar a noção de poesia e literatura. Afinal, as experiências literárias centradas nos traços distintivos que caracterizam as tecnologias digitais dispensam papel ou a

¹⁰ Tázio Zambí é dono do blog *Ophicina* (<http://ophicina.blogspot.com/>) e autor do livro de contos *Retrâteis* (Edufal); Brisa Paim é dona do blog *Palavra Pouca* (<http://www.palavrapouca.com/>) e autora do romance *A Morte de Paula D.* (Edufal).



estrutura linear de um livro impresso ou até mesmo de um e-book. Mas esse tema é merecedor de outra discussão, em outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. SANTAELLA, Lucia. (Org.). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. 1 ed. São Paulo: Educ, 2008. 518 p. (Coleção Comunicação e Semiótica).

BAITELLO JR., Norval. As capilaridades da comunicação. In: _____. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 103-120.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. 161 p.

_____. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 21, p. 185-199, mai.-ago 1994.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado. In: _____. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 126-137.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. Cultura blogger: novas formas de comunicação e práticas textuais nos ciberdiários brasileiros. *Revista da Fapese*, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 49-56, jan.-jun. 2008.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 21, p. 201-214, mai.-ago 1994.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2002. 520 p. (Coleção Temas, v. 49).

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio D.; MOUILLAUD, Maurice (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002, p. 29-35.